

“Retirar as ervas daninhas para não comprometer o jardim” – Discurso Jornalístico e repressão policial contra as prostitutas em Criciúma/SC (1955-1980)

Adriana Fraga Vieira, UFSC
adrianacoan@ibest.com.br

De acordo com as crônicas do jornal *Tribuna Criciumense*, em meados da década de 1950, a prostituição que se desenvolvia em Criciúma tornava-se uma face espúria do progresso advindo da mineração. Para os cronistas, Criciúma já não era mais a aldeia sulcada de carros de bois puxando carvão, mas uma cidade de “respeitável relevo”. O progresso explicitado na mineração batia as portas da cidade, e junto com ele, o crescimento populacional desordenado. Para a cidade do carvão afluíam homens e mulheres procedentes das mais variadas cidades do sul, muitos dos quais, eram discursivamente construídos pelos cronistas como figuras “indesejáveis” que afrontavam nas ruas, esquinas e locais públicos a moralidade das famílias cristãs.

As campanhas moralizantes que a imprensa liderava contra a presença das prostitutas nas áreas centrais refletiam diretamente no modo como a polícia as tratava. Ou seja, a cada crônica de protesto, a cada nota de indignação, a cada reportagem de denúncia, a polícia modificava suas práticas habituais de controle sobre a prostituição. Caracterizando-se por uma postura aparentemente contraditória, ora sendo permissiva e tolerante, ora sendo repressiva e punitiva.

O jornal *Tribuna Criciumense*, principal periódico de Criciúma no período, foi fundado em 02/05/1955 por José Pimentel, tinha uma periodicidade inicialmente semanal, posteriormente diária. Inicia seu primeiro número com a declaração de que é um jornal apolítico, não possuindo vínculo econômico com grupos ou pessoas. Tendo “por único objetivo lutar, sem desfalecimentos, pela solução de inúmeros problemas inadiáveis, que o progresso material de nosso município está a exigir”¹. E para não deixar qualquer margem de dúvida acerca da transparência e imparcialidade de suas notícias publicava junto a sua denominação a frase “um semanário sem quaisquer ligações políticas ou financeiras”, trocando-a no final da década de 1950 para “um jornal independente”.

Sem ser um jornal partidário, ao menos explicitamente, também não podemos caracterizá-lo como um jornal popular ou operário, uma vez que sua linha editorial buscava noticiar a vida administrativa, social e econômica da cidade, destacando as figuras sociais ou políticas mais proeminentes. Registrava falecimentos, casamentos, bodas, aniversários, formaturas, todo tipo de solenidade que se relacionasse com pessoas que possuíssem alguma visibilidade política, social ou

¹ Apresentação. *Tribuna Criciumense*, Criciúma, 02/05/1955, p. 1.

econômica. Com espaço, evidentemente, para informações nacionais e do contexto da região carbonífera, especialmente relacionadas à indústria do carvão. Era em suma um jornal de elite, cujas informações veiculadas sintonizavam-se com os interesses e anseios das camadas abastadas e/ou dirigentes. Neste jornal, os problemas urbanos da cidade, físicos ou morais eram divulgados semanalmente em colunas intituladas *A Cidade em Revista*, *Reverberando* ou *A Crônica da Cidade*, por articulistas como Sylvio Bittencourt, Sebastião Pieri, Jair Motta e Ézio Lima.

Ézio Lima², em sua coluna semanal sobre a cidade, dedicou certa atenção em prol da moralidade e ordem pública, denunciando a participação de Criciúma num comércio marginal ao progresso do carvão, envolvendo a negociação de prazeres múltiplos: prostituição, jogos, brigas de galo, bebidas... Afetada pelo progresso, a cidade passou a produzir as suas chagas, verdadeiros “aleijões morais” estavam a “mercadejar suas torpezas”, proliferando livremente pelos antros e cantos mais obscuros da cidade. Para o articulista o fato que estaria a agravar ainda mais o “câncer” social que comprometia a parte distinta da cidade era a repulsa que o povo vinha sentindo pelo trabalho honesto e o gosto cada vez mais acentuado pelos divertimentos³. Na ética capitalista, o tempo do não-trabalho, do divertimento, associa-se com o tempo de vadiagem e imoralidade. Nesse discurso, o trabalho é o remédio contra a degenerescência moral do indivíduo que não devia utilizar seu tempo livre com prazeres condenados.

Uma vez identificado o problema pelo olhar do cronista, a ordem era erguer uma muralha simbólica em torno dessas práticas ilícitas. A imprensa assumiu em parte a construção desse muro invisível por meio de constantes artigos que visavam à pedagogização dos costumes. Os artigos eram justificados porque seus propósitos, diziam os articulistas, era o bem estar da coletividade social, ameaçada que estava pelos “cancros sociais” – prostituição e jogo. Os articulistas escreviam movidos por visões de mundo que certamente eram compartilhadas por aqueles que tinham acesso à leitura dos jornais, ou seja, uma pequena parcela letrada da população⁴, muitos dos quais constituintes dos poderes públicos ou econômicos da cidade.

A polícia, por sua vez, não ignorava as amplas repercussões que uma campanha moralizante movida pelo jornal pudesse assumir na cidade, respingando de forma desfavorável em sua imagem enquanto um órgão encarregado de gerir a segurança e a moralidade públicas. Pelos documentos policiais e jurídicos foi possível perceber uma íntima relação entre o aumento da

² Jornalista da região carbonífera, nome conhecido na área de comunicação do sul do Estado. Dirigiu as rádios Eldorado e Difusora de Tubarão e Criciúma atuando como diretor comercial e redator. Faleceu realizando uma entrevista na rádio Difusora de Criciúma em 19/12/1969.

³ ROLLIN, Célio. A Malandragem. *Tribuna Criciumense*, Criciúma, 23/05/1955, p.1.

⁴ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 1988, p.121-139.

repressão policial sobre a prostituição e as campanhas moralizantes movidas ocasionalmente por articulistas da imprensa.

Empenhados em alertar a população incauta para os perigos da *urbe*, os articulistas abordavam esporadicamente o assunto da prostituição clandestina que se espalhava pelas ruas principais da cidade. Suas críticas dirigiam-se, sobretudo, às “pessoas despidoradas, impudicas por instinto, por vício ou hábito, que constituem a escória da sociedade”, estas deveriam ser severamente combatidas a fim de evitar a “contaminação da parte sã”⁵. Esta profusão de rostos anônimos que para cá afluíam trazendo também suas “torpezas” estavam a se misturar perigosamente às pessoas de bem e, por conseguinte, na opinião do articulista, a contaminar a parte “sã” da sociedade.

Segundo Claudia Mauch, os jornais constroem a periculosidade de alguns grupos sociais que não se enquadram em suas concepções de ordem e moral, tratando as camadas populares como um “outro” carente de educação moral e o crime como uma doença que contamina preferencialmente os indivíduos degenerados pelo álcool ou pela imoralidade. Um perigo que ronda a sociedade, podendo contagiá-la através de alguns canais de dispersão que são, por exemplo, as prostitutas⁶. Trabalhando com estereótipos estabelecidos historicamente sobre a figura da prostituta, os jornais seguem repetindo e reiterando “verdades”, as quais, no dizer de Lilia Schwarcz, criam e recriam “consensos que a cada repetição necessitam de menos explicações”⁷. De modo que o jornal não lida apenas com os valores e normas já estabelecidos socialmente por certos grupos ou pessoas, ele também os manipula levando em conta determinados interesses.

E o interesse de certos articulistas da cidade era afastar da área central as prostitutas e todo perigo social que elas imaginariamente representavam. Nesse sentido, as pessoas que carregassem no semblante e nas maneiras de portar-se as marcas da promiscuidade não eram bem-vindas no seio da sociedade sã, pois o perigo do contágio era uma possibilidade preocupante. Segundo Ézio Lima, comentava-se por toda a parte os lugares impróprios à passagem de senhoras e crianças devido às cenas que lá eram protagonizadas por “simples trastes de serventia comum”, já que “as mulheres prostitutas exercem quase que ampla liberdade para se acomodarem onde melhor lhes aprouver ou vagarem pelas ruas e esquinas quando julgarem de seu critério”⁸.

A preocupação em delimitar espaços higienizados para as famílias já existia na Europa e

⁵ Publicações Obscenas. **Tribuna Criciúmensis**, Criciúma, 03/10/1955, p. 8.

⁶ MAUCH, Claudia. **Ordem Pública e Moralidade**: imprensa e policiamento urbano em Porto Alegre na década de 1890. Santa Cruz do Sul/ EDUNISC/ANPUH – RS, 2004, p. 114.

⁷ SCHWARCZ, Lilia. **Retrato em branco e negro**. Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 248.

⁸ LIMA, Ézio. Câncer Social. **Tribuna Criciúmensis**, Criciúma, 12/09/1955, p. 8. (Coluna – A cidade em Revista)

no Rio de Janeiro desde o final do século XIX. Em Florianópolis, esse movimento configurou-se no início do século XX, estando relacionado também com a crescente visibilidade de prostitutas nos espaços centrais⁹. Nesse sentido os jornais contribuíam para sedimentar a idéia de que os espaços públicos centrais eram considerados territórios de famílias distintas, as quais não viam com bons olhos a mistura de corpos na cidade. Por outro lado mostrava às mulheres “honestas” que o pudor e a discrição no portar e no vestir-se eram prerrogativas de mulheres “decentes”, que deveriam estar atentas aos lugares por onde caminhavam e ao seu comportamento de modo geral, sob pena de serem confundidas com as prostitutas¹⁰.

Os jornais não foram os únicos a utilizar a idéia da prostituta como contraponto à mulher honesta no sentido de normatizar condutas, esse estratagema era importante porque “(...) ao estabelecer nítidas diferenciações entre as duas figuras femininas, polarizando-as, a sociedade burguesa encontrou meios para defender-se da ameaça apresentada pela prostituta – mulher imaginariamente livre, descontrolada e irracional”¹¹. Imagens que na opinião de Margareth Rago contribuíam simbolicamente para limitar a liberdade da “mulher honesta” em relação à presença da meretriz. Por outro lado, ao tematizarem a prostituta em relação às mulheres “saudáveis” e “honestas”, esses discursos não estavam apenas contrapondo pedagogicamente as duas figuras femininas, mas também mostrando certa inquietude em função dos novos comportamentos femininos ostentados em certas atitudes públicas de mulheres no espaço urbano¹².

Para os articulistas da imprensa de Criciúma, a prostituição era uma das mazelas da sociedade, no seio de onde nasciam todos os criminosos e vagabundos, e as prostitutas, “(...) uma classe infeliz, que teve o concurso do homem para se tornar desgraçada (...). Somos até levados pela nossa concepção da vida a olhar para essas criaturas infelizes não somente como vítimas da luxúria e de seus próprios apetites (...)”, mas também como resultantes de “lares infelizes, de famílias desorganizadas, de uniões impensadas, de falta de prática do verdadeiro espírito de piedade no seio

⁹ Ver: NECKEL, Roselane. **A República em Santa Catarina: modernidade e exclusão (1889-1920)**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003, p. 49-64. _____. **Tensões e Imagens do Viver Urbano em Florianópolis – 1910/1930**. 1993. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, p. 82-86. PEDRO, Joana Maria. **Mulheres Honestas e mulheres faladas: uma questão de classe**. 2 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998, p. 159. PEREIRA, Ivonete. **As decaídas: prostituição em Florianópolis (1900-1940)**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004, p. 23-61.

¹⁰ Os discursos que os jornais apresentam em relação à prostituição somam-se a outras imagens que formam um conjunto de representações que delimitam o comportamento ideal para as mulheres, sobretudo para as mulheres das camadas abastadas. Assim é importante relativizar o alcance dessas imagens na vida das mulheres das camadas populares, já que estas não pautavam suas vivências a partir de valores que são intrínsecos à lógica burguesa. PEDRO, Joana Maria. *ibid*, p. 111-113.

¹¹ RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 40.

¹² GOMES, Tiago de Melo. Massais, mulatas, meretrizes: imagens da sexualidade feminina no Rio de Janeiro dos anos 1920. **Cad. Pagu**, jul./dez. 2004, no. 23, p. 121-147.

das famílias, causas suficientemente fortes para gerar esses aleijões morais (...)”¹³. Essas mulheres, tidas como “aleijões morais”, estavam infringindo determinados valores consagrados pela ética burguesa, vestidas de forma espalhafatosa, perambulando pelas ruas centrais, elas causavam verdadeira ojeriza ao transporem o vício e o prazer para o espaço público da cidade. Espaço esse que também reproduz os valores e posições de poder de um grupo dominante, os quais denominavam hierarquicamente lugares lícitos e ilícitos na cartografia urbana¹⁴.

No ano de 1957 o tema da prostituição foi novamente abordado pela mesma coluna, pois as medidas saneadoras não surtiram os resultados esperados, e as meretrizes lá estavam novamente a desafiar a preservação da moralidade pública. Tudo acontecia, “em certos locais da cidade, em particular algumas esquinas, que são escolhidas por essas mulheres, que aí, na companhia de homens destituídos de qualquer sentimento de pejo ou pudor, estabelecem seu ponto de concentração, isto acontecendo praticamente no centro da cidade”¹⁵. As donzelas e senhoras da sociedade criciunense, bem como os visitantes da “capital do carvão”, não poderiam assistir a esse “espetáculo” sem sentirem constrangimento ou vergonha, de modo que ficava simbolicamente proibido o trânsito de pessoas “decentes” por determinadas ruas e esquinas centrais. Isso demonstra que embaralhar a cartografia imposta pela elite dominante era tarefa cotidiana de homens e mulheres que faziam das áreas centrais seus espaços de sobrevivência. A permanência das prostitutas em ruas e locais simbolicamente proibidos por certa lógica cartográfica não era consciente, deliberada. Elas já estavam naqueles espaços quando as famílias “decentes” ou os estabelecimentos comerciais resolveram ali se fixar, de modo que para sobreviver precisavam driblar cotidianamente as restrições impostas a sua presença.

Em 1962, outro articulista denuncia o que já era público e notório, a Rua Paulo Marcus, era um dos pontos tradicionais de *Trottoir* das meretrizes. Essa era a rua onde estava localizada a estação férrea central e, portanto, o melhor lugar para “ganhar” a vida, onde a movimentação de pessoas possibilitava a aquisição de um maior número de clientes. A novidade de seu artigo, no entanto, é mostrar que todas as demais ruas centrais da cidade haviam assustadoramente ampliado o número das chamadas “avulsas”, fato que “comprometia perigosamente a própria integridade moral da família criciunense”, impossibilitando o trânsito despreocupado de mulheres distintas após as 21 horas sob pena de serem confundidas com as referidas “avulsas”¹⁶. Essa construção discursiva dos

¹³ LIMA, Ézio. “Câncer social”. **Tribuna Criciunense**, Criciúma, 12/09/1955, p. 8. (Coluna – A cidade em Revista).

¹⁴ SOUZA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. Cotidiano Popular e tensões nos prostíbulos (Campina Grande - 1930-1945). **História Hoje**: Revista Eletrônica de História, v. 1, n. 3, 2004.

¹⁵ Velho Problema. **Tribuna Criciunense**, Criciúma, 17/06/1957, p. 8. (Coluna - A cidade em revista).

¹⁶ Repressão à vadiagem noturna em Criciúma – contamos com a ação do novo delegado de polícia. **Tribuna Criciunense**, Criciúma, 15/01/1962.

artigos dos jornais da década de 1950 e 1960 também aparece nas lembranças registradas pelo memorialista Aguinaldo Augustinho, “Lembro-me das senhoras e moças que transitavam pela praça, evitando passar no meio do logradouro, porque ali se encontravam as “mulheres de vida fácil” – expressão usada naquela época. Caminhar no meio do logradouro se tornava, para elas, uma situação desagradável e constrangedora, mas isto era compreensível. Qualquer mulher que parasse para conversar no meio da praça com qualquer pessoa, mesmo que fosse um parente ou um amigo, tornava-se suspeita. Sou testemunha dessa situação ruim, enfrentada por muitas mães e moças de família¹⁷. O memorialista prossegue afirmando que era muito fácil identificar uma prostituta na Praça Nereu Ramos, pois “os trajes utilizados por elas denunciavam-nas o tempo todo. Eram roupas justas e curtas, batom vermelho carmim e a famosa bolsinha a tiracolo”¹⁸.

De acordo com Aguinaldo Augustinho, os anos 1960 e 1970 registram uma valorização salarial do trabalhador mineiro, bem como a implantação de novas e diferentes indústrias na cidade. Condição que mostra seus reflexos no aumento considerável de mulheres exercendo a atividade sexual como profissão na Praça Nereu Ramos e outras ruas centrais.

Essa árdua tarefa que a imprensa tomou para si, estimulando a opinião pública e pressionando o aparato policial, jamais deu resultados significativos. Tanto que a Rua da Estação nunca deixou de ser um ponto de prostituição. Em 1968, um articulista escreveu que o meretrício naquela artéria parecia não ter qualquer solução. De uma prostituição noturna que se iniciava por volta das 19 horas, à rua da estação também havia virado local para a prática da prostituição infantil, onde “mercadejavam-se” com meninas entre 11 e 15 anos a partir das três horas da tarde¹⁹.

Apesar da visibilidade que a prostituição tinha na Rua Paulo Marcus, outras ruas nos anos 1970 foram denunciadas pelos jornais ou mesmo por populares como ponto de concentração da prostituição clandestina. Os moradores da Rua Princesa Isabel mandavam um recado aos frequentadores de “ociosas”, caso não parassem iriam publicar no jornal a lista com o número das placas dos carros mais vistos²⁰. A Rua Duque de Caxias também ganhou visibilidade a partir de um bar, utilizado como ponto de agenciamento dos programas²¹. Também a Praça Nereu Ramos, segundo alguns assíduos frequentadores, passou a atrair a prática da prostituição com muita intensidade nesse período²². Os programas eram efetuados em alguns antigos hotéis da cidade, mas

¹⁷ AUGUSTINHO, Aguinaldo. **Praça Nereu Ramos: o coração de Criciúma**. Florianópolis: Editora SAMEC, 2007, p. 148.

¹⁸ Ibid, p. 148.

¹⁹ Meretrício da Rua da Estação. **Tribuna Criciumense**, Criciúma, 05/10/1968, p. 1.

²⁰ Telefonema denuncia *Trottoir*. **Tribuna Criciumense**, Criciúma, 08/05/1971, p. 5.

²¹ *Trottoir* na Duque de Caxias. **Tribuna Criciumense**, Criciúma, 03/07/1971, p. 1.

²² AUGUSTINHO, Aguinaldo. **Praça Nereu Ramos: o coração de Criciúma**. Florianópolis: Editora SAMEC, 2007, p. 147.

também em salas alugadas especificamente para esse fim, como na Rua Seis de Janeiro, no andar superior do prédio em que funcionava o supermercado Angeloni²³. A moralista *Tribuna Criciumense* não se cansava de expor o problema à opinião pública, abordando-o também no decurso dos anos 1970:

Há alguns anos atrás a cidade Planaltina de Lages era tida, no âmbito nacional, como a mais afetada pelo problema da presença de “mariposas” nas ruas, a explorar o que, erroneamente (a nosso ver) chamam de “vida fácil”. Tãmanha era sua “fama” que uma enciclopédia enfatizava esse fato nos parágrafos destinados à Lages. Hoje aquela cidade perde essa “liderança” longe, longe. Somos capazes de arriscar alguns cruzeiros jogando em Criciúma. Sem o intuito de defender o lenocínio estabelecido (zona de meretrício), podemos assegurar que “trottoir” aqui é muito mais intenso, livre e desimpedido. Daí vem a conclusão: após às 20 horas nenhuma senhora de respeito pode sair às ruas, por imperiosa necessidade, sem ser abordada por um malandro qualquer com escusas intenções. Os locais preferidos eram antigamente perfeitamente discriminados; hoje elas estão em toda a parte (as prostitutas) como também os conquistadores “baratos”²⁴.

A tendência ao eufemismo é flagrante no discurso jornalístico dos anos 1970 se comparados com a década de 1950. Diminuiu-se consideravelmente o uso de termos pejorativos, revelando uma certa cautela por parte dos articulistas em explicitar preconceitos antes utilizados abertamente (“escórias”, “aleijões morais”, “decaídas”, “horizontais”, “infelizes mercadoras” etc), firmando-se de modo geral a palavra “mariposa” ou “mulher de vida fácil” para designar a trabalhadora do sexo. Não por acaso, este é um período em que as discussões feministas estavam acontecendo em escala internacional, as quais chegaram ao Brasil e contribuíram para fomentar a emergência de grupos feministas que passaram a discutir temáticas ligadas à condição da mulher na sociedade, sua relação com a família, com o corpo e com os homens²⁵. Pode-se inferir que esse contexto levou os articulistas dos jornais a terem mais cuidado com aquilo que publicavam sobre as mulheres, mesmo sendo elas em seu entender “mulheres de vida fácil”.

Denominações à parte, os articulistas não deixavam passar despercebidas às ambigüidades do progresso de Criciúma. Descrevendo-as com evidente indignação, apontavam o descompasso entre o progresso material da cidade e a existência de práticas com ele não condizentes. Na condição de leitores especiais da cidade, os articulistas positivam o progresso como necessidade, as

²³ Mariposas na cidade. *Tribuna Criciumense*, Criciúma, 05.05.1973. A equipe do jornal resolveu investigar denúncias anônimas e constatou “que realmente existe uma sala alugada para mulheres de fácil vida, e estas servem-se dela para ponto aos seus fregueses”.

²⁴ A libertinagem em pleno centro. *Tribuna Criciumense*, Criciúma, 17/06/1978.

²⁵ Sobre o movimento feminista nos grandes centros urbanos do país ver, por exemplo: TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve História do feminismo no Brasil*. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2002. MORAES, Lygia Quartim de. *A experiência feminista nos anos setenta*. Araraquara: UNESP, 1990.

também o descrevem como fator de decadência moral²⁶.

Durante os anos 1970, “as alegres mariposas” bateram as asas e ampliaram significativamente os lugares de prostituição na cidade, a despeito dos discursos dos jornais e da lógica da segregação pensada pelas elites letradas²⁷. Assim sendo, a Praça Nereu Ramos e as ruas centrais, remodeladas e embelezadas para o deleite dos “cidadãos ilustres”, que por elas circulavam para trabalhar, passear ou simplesmente transitar, continuaram a ter a presença cotidiana das prostitutas que dependiam desses espaços para sua sobrevivência diária. Portanto, as madrugadas eram delas, para além das medidas repressivas, suas presenças continuavam a desafiar as convenções e códigos que determinados grupos tentavam universalizar. Nos anos 1970, a existência de becos, ruas, bares e prostíbulos independentes não vão deixar as áreas centrais da cidade, ao contrário, irão se expandir e embaralhar a lógica cartográfica da elite dominante. Até porque, nos anos que se seguiram, já não era mais possível controlar pessoas desconhecidas, afinal, a cidade já não era só deles, dos primeiros descendentes das famílias fundadoras, tomada que fora pelo progresso do carvão.

²⁶ MAUCH, Claudia. **Ordem Pública e Moralidade**: imprensa e policiamento urbano em Porto Alegre na década de 1890. Santa Cruz do Sul/ EDUNISC/ANPUH – RS, 2004, p. 77.

²⁷ Para uma discussão sobre o discurso do jornal **Tribuna Criciunense** em relação à Maracangalha na década de 1970 ver cap. 3.